



"A mísera velhinha", de Rafael Pombo ¹

Clara Cuéllar dos Santos

DOI: 10.34640/universidademadeira2024santos

Resumo

O presente artigo aborda o processo tradutório de um poema de Rafael Pombo, "La pobre viejecita", lidando sucintamente com as questões que surgiram e tecendo considerações sobre o tema da morte, central no poema. Começa com a tradução do poema, seguida de uma pequena apresentação do autor do texto de partida e de um curto enquadramento teórico da tradução.

Palavras-chave

Tradução; Rafael Pombo; Processo tradutório; Poesia; Rima; Morte.

Abstract

This article examines the process of translating a poem by Rafael Pombo, "La pobre viejecita", addressing the challenges encountered during the translation and delving into the central theme of the poem: death. It begins with the translation of the poem, followed by a brief introduction to the source text's author, and a theoretical framework on translation.

Keywords

Translation; Rafael Pombo; Translation process; Poetry; Rhyme; Death.

¹ A versão inicial deste texto foi realizada para a cadeira de História e Teoria da Tradução, da licenciatura em Tradução, lecionada pela Professora Doutora Marta Pacheco Pinto, no segundo semestre de 2023, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Agradecemos à Professora Doutora Marta Pacheco Pinto pelo desafio lançado e pelos seus valiosos comentários; ao Professor Doutor Jerónimo Pizarro pelas precisões; e à Professora Doutora Margarita Correia e à Professora Rita Veloso pelas excelentes sugestões que muito melhoraram este escrito.

**La pobre viejecita**

- 1 Érase una viejecita
Sin nada que comer
Sino carnes, frutas, dulces,
Tortas, huevos, pan y pez.
- 5 Bebía caldo, chocolate,
Leche, vino, té y café,
Y la pobre no encontraba
Qué comer ni qué beber.
- 10 Y esta vieja no tenía
Ni un ranchito en qué vivir 10
Fuera de una casa grande
Con su huerta y su jardín.
- 15 Nadie, nadie la cuidaba
Sino Andrés y Juan y Gil
Y ocho criados y dos pajes
De librea y corbatín.
- 20 Nunca tuvo en qué sentarse
Sino sillas y sofás
Con banquitos y cojines
Y resorte al espaldar.
- Ni otra cama que una grande
Más dorada que un altar,
Con colchón de blanda pluma,
Mucha seda y mucho holán.
- 25 Y esta pobre viejecita
Cada año, hasta su fin,
Tuvo un año más de vieja
Y uno menos que vivir.
- 30 Y al mirarse en el espejo
La espantaba siempre allí
Otra vieja de antiparras,
Papalina y peluquín.

A mísera velhinha

- 1 Era uma vez uma velha
Que não tinha o que comer
Salvo carnes, frutas, doces,
Bolos, ovos, pão e peixe.
- 5 Bebia caldo, chocolate,
Leite, vinho, chá e café,
E a pobre não encontrava
Que comer nem que beber.
- E esta velhota não tinha,
Nem ranchinho onde viver,
Além de uma casa grande
Com sua horta e seu jardim.
- 15 Ai, ninguém cuidava dela,
Só o Andrés e o Juan e o Gil
E oito criados e dois pajens
De libré e gravatinha.
- 20 Nunca teve onde pousar,
Só cadeiras e sofás,
Com banquinhos e almofadas
Estofadas no espaldar.
- Sem mais camas que uma grande,
Mais dourada que um altar,
Com colchão de suaves penas,
Muita seda e muita holandá.
- 25 E esta mísera velhinha,
Cada ano, e até ao seu fim,
Teve um ano a mais de velha
E um a menos que viver.
- 30 Quando se olhava ao espelho
Ali sempre a assustava
Outra velha de cangalhas,
Com toucado e com chinó.



A MÍSERIA VELHINHA, DE RAFAEL POMBO JARDIM

35 Y esta pobre viejecita
No tenía qué vestir
Sino trajes de mil cortes
Y de telas mil y mil.

40 Y a no ser por sus zapatos,
Chanclas, botas y escarpín,
Descalcita por el suelo
Anduviera la infeliz

Apetito nunca tuvo
Acabando de comer,
Ni gozó salud completa
Cuando no se hallaba bien.

45 Se murió del mal de arrugas,
Ya encorvada como un tres,
Y jamás volvió a quejarse
Ni de hambre ni de sed.

50 Y esta pobre viejecita
Al morir no dejó más
Que onzas, joyas, tierras, casas,
Ocho gatos y un turpial.

55 Duerma en paz, y Dios permita
Que logremos disfrutar
Las pobreza de esa pobre
Y morir del mismo mal.

35 *E esta mísera velhinha,
Não, não tinha o que vestir
Salvo trajes de mil cortes
E tecidos mil e mil.*

40 *Se não fossem os sapatos,
Chapins, botas e escarpins,
Já descalça pelo chão
Andaria a infeliz.*

*Apetite nunca teve
Acabando de comer,
Também não saúde plena
Quando já não estava bem.*

45 *Morreu desse mal de rugas,
Já encurvada como um três,
E jamais voltou a queixar-se
Nem de fome nem de sede.*

50 *E esta mísera velhinha,
Ao morrer, só nos deixou
Onças, joias, terras, casas,
Dez gatos e um rouxinol.*

55 *Durma em paz e Deus permita
Que possamos desfrutar
Das pobreza dessa pobre
E morrer do mesmo mal.*



No me llames extranjero, porque haya nacido lejos
O porque tenga otro nombre, la tierra de donde vengo,
No me llames extranjero, porque fue distinto el seno
O porque acunó mi infancia, otro idioma de los cuentos.

Rafael Amor, *No me llames extranjero*

Comentário

Sobre o autor

O poeta colombiano Rafael de Pombo y Rebolledo (Bogotá, 1833 – 1912) foi tradutor de inglês para espanhol e diplomata, tendo sido nomeado secretário perpétuo da Academia Colombiana de la Lengua (Biblioteca, s. d.; Archivo RAE, s. d.; Asale, s. d.). Pombo foi o expoente máximo do movimento romântico no seu país e uma das personalidades mais destacadas na poesia romântica em língua espanhola. Contudo, a relevância deste poeta no panorama literário do continente tem sido, em certa medida, turvada pela notoriedade das suas fábulas e dos seus contos destinados ao público infantil. Estas criações têm conseguido manter a sua autenticidade e a sua popularidade até hoje², perpetuando um legado literário que transcende os limites temporais (FERNÁNDEZ e TAMARO, 2004). Encontramos, pelo menos, dois Pombo na sua obra: o poeta romântico e o poeta de literatura infantil. Embora a sua obra não se limite a escritos direcionados para o público infantil, foram estes que foram sendo transmitidos de geração em geração. Muitos colombianos terão ouvido recitar “Rin rin renacuajo”, no contexto familiar ou mesmo na escola, mas poucos conhecerão o escopo da sua obra romântica.

Reflexão teórica

Toury (2000:198) diz-nos que o estabelecimento das normas tradutórias decorre de uma abor-

dagem orientada para a língua de chegada (LC), dado que elas só podem ser aplicadas pelo receptor de um sistema literário de chegada. Contudo, isto não significa, em momento algum, a erradicação da alteridade nem do texto nem da cultura de partida (CP). Arriscamos dizer que, de acordo com a teoria dos polissistemas, estamos aqui perante uma literatura periférica (hispano-americana e de um segmento particular – o da literatura infantil) em relação ao sistema da língua portuguesa, embora aquela, com o devido investimento, pudesse ocupar uma posição mais central, como literatura traduzida que traz inovação em vez de cristalização (EVEN-ZOHAR, 2000: 194).

Considerando as teorias funcionalistas, em particular Vermeer (2012), e baseadas na ideia de que um texto cumpre sempre uma função, um propósito na cultura de chegada (CC), foi necessário, em primeiro lugar, definir o público-alvo para perceber qual a função que pretendemos que o texto de chegada (TC) cumpra com a nossa proposta de tradução. Assim sendo, pretende-se que o leitor desta tradução possível, desta leitura possível, seja infantil. Escolhemos este poema em particular porque julgámos apelativa a não romantização que frequentemente se encontra em textos para os mais jovens. O poema de Pombo trata, em vez disso, trata da vida e da morte, tendo uma crítica social não tão velada quanto poderia ser expectável em literatura infantil. Julgamos relevante a apresentação de diferentes perspetivas e abordagens às crianças, mesmo que de assuntos mais complexos, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento da consciência crítica e da empatia através do contacto com realidades diferentes que a literatura proporciona.

Optámos maioritariamente pela norma inicial da adequação (“Só o Andrés e o Juan e o Gil”, por exemplo), o que não significa que não haja momentos de aceitabilidade (TOURY, 2000: 201). Diria Schleiermacher (2003: 61) que optámos por

² Por exemplo, o texto de partida a que recorremos para fazer a tradução aqui apresentada encontra-se numa coletânea infantil de 2008.



aproximar o leitor ao autor, conscientes de que esta decisão poderá causar alguma estranheza e chamar a atenção para o facto de se tratar de uma tradução, o que não quer dizer que não tenhamos procurado ajustar a tradução às regras sintáticas da língua de chegada, seguindo as normas operacionais linguístico-textuais da mesma (TOURY, 2000: 203). Consideramos, contudo, que a falta de domesticação (Venuti, 1995: 5) é interessante, permitindo ao nosso leitor idealizado um contacto mais claro, direto, com a alteridade, com outra cultura. Parece-nos importante que este processo estrangeirizante (Venuti, 1995) seja introduzido na literatura infantil, com o intuito comedido de trazer à tona para este público-alvo a existência de modos de ser, de estar e de viver diferentes.

Se nos parece que a tradução de literatura infantil deve, por um lado, sensibilizar a criança para a diferença linguística e cultural entre LP e LC, por outro lado deve atender também às expectativas e às experiências dos jovens leitores. Procurámos ser sensíveis aos aspetos emocionais e simbólicos da história, bem como às suas nuances e às suas subtilidades, tentando manter sempre em mente o objetivo de aproximar o autor e o leitor (cf. SCHLEIERMACHER, 2003: 61-63), sem perder de vista a riqueza e a complexidade do texto de partida (TP): rima imperfeita e interna; predominância da redondilha maior; sonoridades; jogos de palavras; diminutivos; enumerações. Encontramos no TP uma afinidade com a lengalenga, ficando o texto na memória graças à musicalidade, a qual se atinge por via da métrica, da rima e do ritmo. Procurámos (re)criar tanto esta riqueza sonora como a complexidade que dela decorre na nossa proposta de tradução, apesar de não nos ter sido sempre possível alcançá-las. Em alguns casos demos prevalência à rima, mas, na maior parte das nossas opções de tradução, escolhemos dar primazia ao conteúdo e não à forma, como aconselha Nida (2000: 127). Por outras palavras, e tratando-se de poesia, houve uma tentativa de preservar a métrica, a rima e o ritmo, sem perder o simbolismo. Todavia, nem

sempre foi possível manter a rima imperfeita nem a rima interna, porque estas implicariam a perda da imagem.

Nas palavras de Britto,

quando se trata de um poema, em princípio toda e qualquer característica do texto – o significado das palavras, a divisão em versos, o agrupamento de versos em estrofes, o número de sílabas por verso, a distribuição de acentos em cada verso, as vogais, as consoantes, as rimas, as aliterações, a aparência visual das palavras no papel etc. – pode ser de importância crucial. Ou seja: no poema, tudo, em princípio, pode ser significativo; cabe ao tradutor determinar, para cada poema, quais são os elementos mais relevantes, que portanto devem necessariamente ser recriados na tradução, e quais são menos importantes e podem ser sacrificados – pois, como já vimos, todo o ato de tradução implica perdas.

(BRITTO, 2012: 119-120)

Durante o processo de tradução deste poema de Pombo, notámos que a tradução de poesia acarreta mais opções ou, melhor dizendo, mais escolhas, dado que tudo é passível de ter significado e “pode ser de importância crucial”. Toda a escolha de tradução “implica perdas”. No entanto, com este desafio, também verificámos que o resultado pode trazer recompensas: ao termos dado a ler o TC a duas crianças, uma de oito e outra de nove anos, tivemos a hipótese de confirmar, em primeiro lugar, que ambas puderam inferir o significado de passagens que nos pareciam mais complexas, por questões de linguagem (cf. “de libré e gravatinha” ou “chapins, botas e escarpins”), o que demonstra que a simplificação não tem necessariamente de ser o único caminho a seguir na tradução de literatura infantil. Observámos, também, que as crianças riram – quando questionadas, indicaram que a imagem da velha criada no poema era “engraçada” – e que refletiram espontaneamente sobre o tema mais imediato do poema – a desigualdade social.

O encontro entre a nossa proposta de tradução e os leitores permitiu que estes acessem a um texto de outra cultura, transportando as palavras



de Pombo até outros olhos (improváveis), ultrapassando barreiras espaciais e temporais. Constatamos (não sem satisfação) que a mensagem foi transmitida através da nossa proposta, suscitando nas crianças uma reação emocional positiva, e que a tradução – neste caso de poesia – pode ser uma poderosa ferramenta de aproximação que tem o potencial de promover a compreensão intercultural e de despertar reflexões sobre temas universais, mesmo nos leitores mais jovens.

Alvstad afirma que

[a] literatura para crianças é frequentemente escrita para ser lida em voz alta. O som, o ritmo, as rimas, a falta de sentido e os jogos de palavras são, assim, características comuns das histórias para crianças. Estas características forçam os tradutores, por vezes, a escolher entre som e conteúdo. Devem também escolher entre modelos de chegada de rimas e de músicas familiares e estrangeiros.

(ALVSTAD, 2010: 24; trad. nossa)

Como dito mais acima, houve momentos nos quais se tornou necessário escolher entre forma e conteúdo. Assim, em relação às nossas opções de tradução e privilegiando o conteúdo sobre a forma, temos, por exemplo, “Nadie, nadie la cuidaba” vs. “Ai, ninguém cuidava dela”; “Nunca tuvo en qué sentarse” vs. “Nunca teve onde pousar”; “Y esta pobre viejecita” vs. “E esta mísera velhinha” (aqui salientamos o facto de tentarmos construir uma imagem cada vez mais frágil da velha: “velha”, “velhinha”, “velhota”); “Y al mirarse en el espejo” vs. “Quando se olhava ao espelho”; “No tenía qué vestir” vs. “Não, não tinha o que vestir”; “Descalcita por el suelo” vs. “Já descalça pelo chão”; “Ni gozó salud completa” vs. “Também não saúde plena”; “Se murió del mal de arugas” vs. “Morreu desse mal de rugas”; “Al morir no dejó más” vs. “Ao morrer, só nos deixou”. Como também se pode verificar, houve momentos em que, para manter a redondilha maior, recorremos a pequenas alterações de conteúdo: “Ocho gatos y un turpial” vs. “Dez gatos e um rouxinol”.

Por fim, a mensagem deste poema de literatura infantil prende-se com a abordagem caricatural

das desigualdades sociais, abordando o tema da morte. Citando Shavit, “pode assumir-se que uma criança é capaz de compreender um texto que envolva a morte e, ao mesmo tempo, este pode ser considerado como prejudicial para o seu bem-estar mental” (SHAVIT, 1986: 112; trad. nossa). Esta observação destaca a complexidade inerente à abordagem da morte na literatura infantil. No entanto, salientamos que, embora este texto lide com a morte, o faz de um modo crítico e caricatural. Apesar de sabermos que as crianças têm dificuldade em descodificar a ironia, o TP introduz o tema com eufemismos sobre a morte (cf. TC “até ao seu fim”; “um a menos que viver”; “jamais voltou a queixar-se”), mas desfaz os equívocos que poderiam ocorrer, utilizando explicitamente as palavras “morreu”, “ao morrer” e “morrer”.

Este facto permite que as crianças (e não só) sejam expostas a um tema delicado de maneira menos ameaçadora, dado que a abordagem humorística e irónica proporciona uma distância segura entre a realidade e a narrativa. Procurámos recriar esta abordagem, como se pode verificar na maioria das estrofes do TC, que começam com um ou dois versos da perspectiva da “velha” (cf. “Era uma vez uma velha | Que não tinha o que comer”), para terminar na segunda metade com um remate irónico sobre a opulência em que esta afinal vivia (cf. “Salvo carnes, frutas, doces, | Bolos, ovos, pão e peixe”). A distância mencionada permite que o público infantil tenha a oportunidade de processar questões relacionadas com a mortalidade de uma maneira que promova a reflexão e a discussão saudáveis, ao mesmo tempo que reduz o risco de ansiedade ou de trauma. Além disto, fomenta o diálogo entre os cuidadores e as crianças, abrindo a oportunidade de discutir um tema ainda hoje tabu no mundo ocidental, sobre o qual se afigura urgente abrir uma brecha para o diálogo. Portanto, a literatura infantil que aborda o tema da morte de maneira crítica e caricatural desempenha um papel valioso porque, em nosso entender, cria um espaço seguro para explorar um tópico tão desafiante no mundo infantil – e até no mundo adulto.



Referências bibliográficas

ALVSTAD, Cecilia (2010), *Handbook of Translation Studies*, vol. 1, ed. Yves Gambier e Luc van Doorslaer, Amsterdão e Filadélfia: John Benjamins, pp. 22-27.

Asale (s. d.), "Academia colombiana de la lengua", *Asociación de academias de la lengua española*. Disponível em: <https://www.asale.org/academias/academia-colombiana-de-la-lengua>

AMOR, Rafael (1976?), *No me llames extranjero*. [Música]

Archivo RAE (s. d.), "Pombo, Rafael de (1833-1912)", *Archivo de la Real Academia Española*. Disponível em: <https://archivo.rae.es/pombo-y-rebolledo-rafael-de-1833-1912>.

Biblioteca Alfonso Jaramillo Velázquez (s. d.), "Rafael Pombo (1833-1912)". Disponível em: [http://biblioteca.ucn.edu.co/noticias/Paginas/RAFAEL-POMBO-\(1883-1912\).aspx](http://biblioteca.ucn.edu.co/noticias/Paginas/RAFAEL-POMBO-(1883-1912).aspx)

BRITTO, Paulo Henriques (2012), *A tradução literária*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Even-Zohar, Itamar (2000), "The position of translated literature within the literary polysystem", *The Translation Studies reader*, ed. Lawrence Venuti, 3.ª ed., Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 192-197.

FERNÁNDEZ, Tomás, e Tamaro, Elena (2004), "Biografía de Rafael Pombo", *Biografías y vidas. La enciclopedia biográfica en línea*, Barcelona. Disponível em: https://www.biografiasyvidas.com/biografia/p/pombo_rafael.htm

NIDA, Eugene (2000), "Principles of correspondence", *The Translation Studies reader*, ed. Lawrence Venuti, 3.ª ed. Londres e Nova Iorque: Routledge, pp.126-140.

POMBO, Rafael (2008), "La pobre viejecita", *¡Cuentos, fábulas y poesías!*, Bogotá: Editorial Educativa Kingcolor, pp. 4-8.

SCHLEIERMACHER, Friedrich (2003), *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, ed. bilingue, apresentação, tradução, notas e posfácio de José M. Miranda Justo, Porto: Porto Editora.

TOURY, Gideon (2000), "The nature and role of norms in translation", *The Translation Studies reader*, ed. Lawrence Venuti, 3.ª ed., Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 198-211.

VENUTI, Lawrence (1995), "Invisibility", *The Translator's Invisibility: A History of Translation*, Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 1-34.

VERMEER, Hans J. (2012), "Skopos and commission in translational action" *The Translation Studies reader*, ed. de Lawrence Venuti, trad. Andrew Chesterman, 3.ª ed., Londres e Nova Iorque: Routledge, pp. 191-202.

SHAVIT, Zohar (1986), "Translation of children's literature", *Poetics of children's literature*, Atenas e Londres: The University of Georgia Press, pp. 111-130.